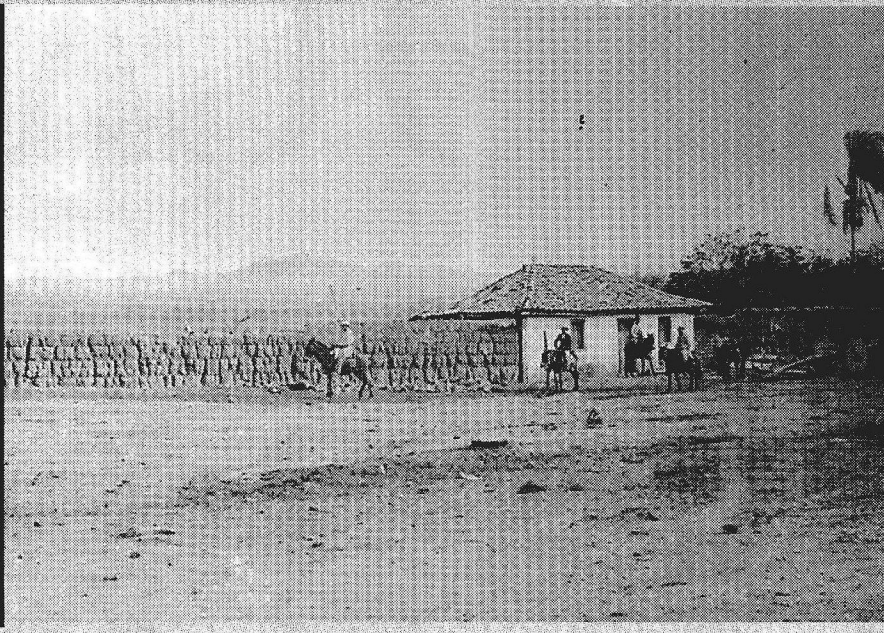




Catalão (GO)
Integrantes da comissão, um mês após deixar o Rio de Janeiro, a caminho do que seria Brasília.



Mestre D'Armas
Sobre lombo de burro, pesquisadores posam em frente à casa de fazenda onde hoje é Planaltina (DF).



Cachoeira do Abade
Queda d'água em Pirenópolis (GO): abundância e qualidade são destaques no relatório final.



Goiás Velho
Rua de pedras e conjunto arquitetônico da Cidade de Goiás, a primeira capital goiana.



Parque Nacional
Acampamento de parte da expedição, montado perto de onde hoje estão as piscinas da Água Mineral.

Missão Cruls

Tesouros são resgatados após 120 anos

Após um ano e meio de pesquisas, historiadores do Arquivo Público do DF localizam 48 fotografias e seis documentos nunca publicados da expedição que desbravou o Planalto Central em 1892. Grupo demarcou e registrou tudo o que havia no quadrilátero para onde seria transferida a capital

» RENATO ALVES

Responsável por explorar o Planalto Central em 1892, a Missão Cruls foi a primeira expedição científica brasileira documentada com fotos. Até hoje, só haviam sido publicados 26 desses retratos. Eles integram o relatório final da comissão encarregada de mapear tudo o que havia no quadrilátero para onde, já no fim do século 19, existia um plano de mudar a capital do país. Hoje, o **Correio Brasileiro** revela outras 48 imagens dessa saga. Como as demais, são de autoria de Henrique Charles Morize. O trabalho do astrônomo francês ajudou a descrever a região pouco conhecida pelo resto do Brasil.

Historiadores do Arquivo Público do Distrito Federal encontraram os originais das até então inéditas fotografias na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, e na Biblioteca do Observatório Nacional, no Rio de Janeiro. O resgate teve início na capital paulista, há um ano. Lá estavam 19 imagens em papel amarelado pelo tempo, mas intactas, guardadas em um álbum feito por Morize. Em março último, os pesquisadores descobriram as outras 29 fotos, no Rio. Estas nem sequer haviam sido copiadas. Continuavam em lâminas de vidro, o negativo da época em que foram feitas. Os profissionais da instituição candanga agora tentam publicá-las em um livro, com tudo o que se sabe e se tem arquivado sobre a Missão Cruls.

Formada por 22 homens, entre cientistas, técnicos e militares, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil era liderada pelo astrônomo belga e engenheiro militar belga **Luiz Cruls**, então com 44 anos. Por isso ficou conhecida como Missão Cruls. A ordem para a expedição partiu do presidente Floriano Peixoto. Militares da Marinha haviam se rebelado contra ele em fevereiro de 1892. Floriano decretou estado de sítio no Rio de Janeiro. Em meio a este cenário, enviou mensagem ao Congresso Nacional determinando que um grupo seguisse ao Planalto Central para estudar e demarcar a área onde seria construída a nova capital. O presidente cumpria o determinado pela **Constituição de 1891**.

Guiados pelas estrelas

A comissão deixou o Rio de Janeiro em 9 de junho de 1892. Viajou em trem até Uberaba, onde permaneceu por 20 dias. A estrada de ferro da Companhia Mogiana acabava na cidade mineira. A partir de lá, os homens tiveram de seguir de cavalo e burro. Além dos pesquisadores e auxiliares, os animais levavam 206 caixotes, 9,6 toneladas de bagagem. No caminho, nada de placas, estradas, muito menos pontes sobre os inúmeros rios. Ao chegar à Meia Ponte, hoje Pirenópolis, em 1º de agosto, a comissão foi dividida em duas turmas. Uma seguiu em linha reta para Formosa. A outra, para Corumbá, Santa Luzia (atual Luziânia), Mestre D'Armas (Planaltina) e também Formosa, o ponto de reencontro.

Ao todo, os dois grupos percorreram 4 mil quilômetros de junho a novembro de 1892, medindo, de hora em hora, a latitude em que estavam. Guiaram-se pelas estrelas para determinar as coordenadas geográficas. Assim, demarcaram um quadrilátero de 14,4 mil quilômetros quadrados — o definido para a construção de Brasília é bem menor, com 5,8 mil m² — e fixaram as coordenadas Nordeste, Noroeste, Sudeste e Sudoeste do DF. Ainda descobriram acidentes geográficos hoje famosos em todo o país, como as águas quentes de Caldas Novas, o Salto do Itiquira (em Formosa) e as nascentes de Águas Emendadas, berço de três das maiores bacias brasileiras: Amazônica, Platina e São Francisco.

Tudo anotado em cadernetas pelos especialistas e registrado em fotos por Henrique Morize, de uma forma inimaginável no universo digital. Para fotografar a região, ele precisou de paciência e muito conhecimento de química. Além da grande e arcaica máquina, o francês levava um laboratório completo de revelação e cópia de fotos, por onde ia. Em nenhuma das cidades visitadas havia tais equipamentos. As imagens eram registradas em lâminas de vidro, carregadas em caixas de madeira. A lente era uma só. Para fazer um registro, Morize montava a câmera num tripé e passava saís de prata no vidro, dentro de uma caixa escura. Misturados, os químicos absorviam a imagem e proporcionavam a foto.

Por serem de baixa sensibilidade, os saís de prata nas lâminas de vidro requeriam muito tempo de

exposição à luz. Nessas condições, todos os retratos tinham que ser posados. Ninguém podia se mexer para a imagem não ficar tremida. Mesmo assim, Morize conseguiu fotos de alta qualidade, além de extrema importância histórica. Ele dominava a técnica e captava detalhes que nenhum relato manuscrito descreveria. Deixou de herança as primeiras fotos de cenários hoje conhecidos em todo o Brasil e o mundo, como o casarão colonial de Pirenópolis e Goiás Velho.

Mistério a desvendar

Cruls voltou à região em 1894, com o intuito de estudar a topografia, a meteorologia, a qualidade e a quantidade das águas. No relatório desta segunda expedição, no entanto, não há fotografias, apesar de Henrique Morize também ter feito parte dela. Este é um dos mistérios que os estudiosos do Arquivo Público tentam desvendar. Pesquisadores acreditam que parte das 48 fotografias inéditas seja da segunda missão. "O Luiz Cruls teve que fazer um relatório mais rápido, por isso não deve ter anexado as fotos. Outra parte delas certamente foi deixada de lado em uma edição do Morize para o relatório da primeira missão, pois há retratos de ângulos bem parecidos", observa o historiador Wilson Vieira Júnior, coordenador de Arquivo Histórico do Arquivo Público do DF. Ele liderou a busca e o resgate do material esquecido nas bibliotecas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A divulgação das inéditas fotografias coincide com os 120 anos da passagem da Missão Cruls pelas terras onde hoje está o DF. O grupo deslocou para Corumbá, Santa Luzia e Mestre D'Armas só chegou a Formosa em 14 de setembro. Liderado por Morize, por lá ficou até 1º de outubro, quando partiu em direção ao sudeste goiano, divisa com Minas Gerais. Antes de fotografar, Morize era astrônomo, trabalhava no Observatório Nacional, instituição à época comandada por Luiz Cruls e de onde partiu a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Portanto, além de fotografar, Morize tinha de medir a latitude e a longitude da região. Função também exercida com esmero. Tanto que, além das fotos, o relatório final da Missão Cruls conta com um anexo textual de 15 páginas de sua autoria.

Fotos: Henrique Charles Morize/Arquivo



Pirenópolis do século 19

O Rio das Almas e, ao fundo, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, o mais antigo templo católico do Centro-Oeste

Ata também é localizada

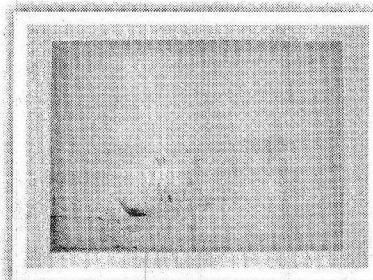
Além das fotos de Henrique Morize, historiadores do Arquivo Público do Distrito Federal resgataram seis documentos originais, também nunca publicados, da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. O mais precioso é uma ata da passagem da expedição pelo Pico dos Pirineus. Ela estava esquecida e empoeirada, mas muito bem conservada, no Rio de Janeiro, na casa de descendentes de Hastimphilo de Moura, engenheiro militar da Missão Cruls.

A ata foi assinada por 10 integrantes da comissão, após posarem para uma foto histórica, na manhã de 8 de agosto de 1892. Eles colocaram o documento em um vidro, lacrado em uma lata para ser enterrado sob pedra que hoje sustenta uma pequena capela. Os pesquisadores deixaram claro a intenção de que, em algum tempo, alguém encontrasse aquele pequeno tesouro. Prova disso é o relato deixado por Hastimphilo em uma de suas cadernetas (veja ao lado), seu diário de viagem.

A pista de onde foi enterrada a ata também estava no livro bilingue com registros da expedição que, por anos, ficou guardado na Prefeitura de Pirenópolis e motivou os moradores a buscarem a lata. Encontrado nos anos 1920 por quatro pirenopolinos, até então ninguém sabia precisar o paradeiro do documento. Uns

diziam que, durante a construção de Brasília, um militar foi à cidade goiana e levou a ata. Outros, que Juscelino Kubitschek recebeu o documento de presente, quando pedia votos no município para se eleger senador. A ata e os outros documentos inéditos estavam em um apartamento de Copacabana, habitado por uma neta e uma bisneta de Hastimphilo de Moura. "As visitei em 1º de maio do ano passado. Era uma visita de cortesia, para agradecer a doação das **cadernetas** do engenheiro. **Aí, me disseram que haviam vários outros papéis antigos, que pretendiam jogar fora ou doar, caso tivessem importância histórica. Quando comeci a fuçar, encontrei o envelope da ata. Depois, a própria ata. Quase caí de costas**", conta o historiador Wilson Vieira Júnior.

Com a ajuda de dois colegas de Arquivo Público do DF, Elias Manoel e Jádere Oliveira, Vieira Júnior identificou e digitalizou as fotos e os documentos da Missão Cruls encontrados de um ano para cá. O trio sonha ver tudo publicado em livro, com as demais imagens da expedição e textos curtos explicando sua importância. A ideia é imprimir 4 mil exemplares e distribuí-los gratuitamente nas bibliotecas e escolas públicas do DF e do Rio. O projeto custa cerca de R\$ 50 mil. Falta o dinheiro.



Amarelada pelo tempo
Uma das fotos que estavam em álbum mostra a Lagoa Fela, em Formosa (GO).



Economia centenária
Antigo engenho de cana-de-açúcar em fazenda goiana não identificada

Transcrição

Os caderninhos foram doados pela família de Hastimphilo de Moura ao Arquivo Público do DF em 1987, mas só tiveram o conteúdo divulgado nove anos depois. Tudo porque os governantes não liberaram dinheiro para pagar um paleógrafo que reescrevesse com as palavras de hoje o texto do passado. Dessa forma, a instituição recorreu ao arquivista Euler Frank Lacerda Barros, seu diretor de gestão documental em 2006.



No alto lavrou-se uma acta, q por todos nós foi assignada, encerrada n'um vidro lacrado, depois n'uma lata tambem lacrada e metido num ninho de agulha (gavião da montanha) q ali vimos. Quando no alto chegamos, vários foguetes fizemos subir (sic)."

Hastimphilo de Moura, engenheiro da Missão Cruls

www.correiobrasileiro.com.br



Confira as 48 fotografias e os documentos inéditos.

Personagem da notícia

Sucessor de Luiz Cruls

O astrônomo e fotógrafo Henrique Morize nasceu em 31 de dezembro de 1860, em Beaune, na França, e se mudou para o Rio de Janeiro aos 5 anos. Naturalizou-se brasileiro em 1884. Seu trabalho no país não se resume ao registro da Missão Cruls. Por problemas de saúde, Morize só completou o curso de Engenharia Industrial em 1890. Um ano depois, tornou-se astrônomo do Observatório Nacional, no Rio de Janeiro. Em 1908, assumiu a direção do órgão, sucedendo o amigo belga Luiz Cruls, líder da expedição no Planalto Central. Morize ainda participou, em 1916, da fundação da Sociedade Brasileira de Ciências (mais tarde, Academia Brasileira de Ciências), que presidiu até 1926. O franco-brasileiro também foi catedrático de física experimental na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, de 1898 a 1925. Organizou e chefiou a missão brasileira que observou o eclipse de 1919 em Sobral (CE). Morreu em 19 de março de 1930, no Brasil.